

FMI pede abertura de crédito

Roberto Garcia

Correspondente

Washington — Os bancos estatais e privados dos países industrializados foram submetidos ontem a fortes pressões para abrirem novamente suas portas aos países em desenvolvimento que adotaram reformas responsáveis de suas economias.

Na abertura da maior reunião de banqueiros e equipes econômicas dos governos de todo o mundo, o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, disse que para a estratégia de co-responsabilidade funcionar é preciso que os bancos comerciais voltem a emprestar em montantes adequados e em termos apropriados.

Barber Conable, o presidente do Banco Mundial, disse que a comunidade financeira privada precisa passar da aprovação em princípio à ação na prática. Conable afirmou, também, que os bancos comerciais precisam atuar prontamente, generosamente, e com imaginação, advertindo que se fizerem um jogo de espera estarão entrando num jogo de perdas, tanto para os credores quanto para os devedores.

Teste de solidariedade

Referindo-se aos organismos governamentais de financiamento como o Eximbank dos Estados Unidos e do Japão, De Larosière considerou lamentável que o fluxo de empréstimos oficiais para países em desenvolvimento tenha caído. Estamos enfrentando um teste de cooperação econômica e solidariedade.

Refletindo uma surpreendente boa vontade do FMI com o único grande devedor que vem se recusando a assinar um acordo com aquela instituição, De Larosière elogiou o Brasil pelas medidas corretivas ousadas. Citando tanto o Brasil quanto a Argentina, o diretor-gerente do fundo reconheceu que estes países desmantelaram a correção monetária, iniciaram reformas monetárias e lançaram programas amplos para combater a inflação.

Já o presidente americano Ronald Reagan, que também falou na sessão de abertura da reunião conjunta do Banco Mundial e do FMI, elogiou a Colômbia e a Argentina por terem

baixado a inflação; o Senegal e a Costa do Marfim por liberalizarem suas economias; e o México e as Filipinas por terem assinado acordos com o FMI. Reagan não mencionou o Brasil.

Tanto de Larosière quanto Conable e Reagan ressaltaram os avanços de economia mundial num período de grande turbulência como a queda dos preços do petróleo e das matérias-primas em geral, a redução das taxas de juros e os desalinhamentos comerciais e financeiros entre os grandes países industrializados. Apesar de reconhecerem a desaceleração do crescimento econômico este ano, mostraram otimismo quanto a 1987 quando esperam que os efeitos favoráveis da baixa do petróleo e dos juros finalmente apareçam.

A melhora do clima econômico seria estimulada pela ausência de pressões inflacionárias e pelos ajustamentos feitos nos últimos meses, principalmente pelos Estados Unidos, para desvalorizarem sua moeda e moderar seus déficits. As taxas de inflação no mundo industrializado nunca estiveram tão baixas nos últimos vinte anos, as taxas de juros já caíram 6% em relação a 1982, os lucros estão subindo e os salários estão estáveis.

Segundo de Larosière, apesar dos imensos esforços que fizeram para se adaptar à nova situação, os países devedores estão pior atualmente do que ao eclodir a crise da dívida, em 1982. Citou, por exemplo, que essas nações reduziram seus déficits de corrente de 18% para apenas 5% do total das respectivas exportações. Em virtude de baixas nos preços das matérias-primas — que são o principal produto de exportação dos grandes devedores — os recursos para pagar a dívida são agora menores, disse ele. Causa ainda maior preocupação o fato de que a maior parte dos países em desenvolvimento, que cresciam a uma média de 3% nas décadas de 60 e 70, parou de crescer desde 1980. Conable lembrou, contudo, que os exportadores de produtos manufaturados continuaram crescendo.

Tanto Reagan quanto de Larosière e Conable insistiram com os governos dos países devedores para que abram mais suas economias.